



**FOUCAULT, FILÓSOFO:  
ELEMENTOS PARA PENSAR A EDUCAÇÃO<sup>1</sup>  
SÍLVIO GALLO<sup>2</sup>**

**RESUMO:** O texto explora a recepção e o impacto do pensamento de Michel Foucault na educação, destacando sua influência tanto na França quanto no Brasil. Apesar de sua notoriedade como filósofo, Foucault era visto no meio acadêmico francês mais como um intelectual da história do pensamento do que como um filósofo tradicional. Após sua morte, seu trabalho foi reconhecido em várias áreas, incluindo a educação, embora sua recepção em língua francesa tenha sido tardia em comparação com a anglófona. No Brasil, a difusão das ideias de Foucault na educação começou com o trabalho de Tomaz Tadeu da Silva e Alfredo Veiga-Neto, que organizaram coletâneas de estudos foucaultianos, promovendo um debate vigoroso sobre suas contribuições. A pesquisa em educação com Foucault no Brasil evoluiu em três momentos: inicialmente focada no poder disciplinar, depois na governamentalidade, e mais recentemente nas noções de cuidado de si e parresia, extraídas dos últimos cursos de Foucault. O texto também diferencia entre dois modos de utilizar Foucault nas pesquisas: como operadores metodológicos e como operadores conceituais, permitindo explorar a educação sob novas perspectivas. A reflexão sobre a "psicagogia" exemplifica como suas ideias podem questionar práticas educacionais contemporâneas, promovendo uma educação mais voltada à subjetivação e transformação do indivíduo. O legado de Foucault, portanto, permanece relevante, estimulando novas abordagens e práticas educativas no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Foucault; filosofia; educação; operadores conceituais; operadores metodológicos.

**ABSTRACT:** The paper explores the reception and impact of Michel Foucault's thought in education, highlighting his influence in both France and Brazil. Despite his notoriety as a philosopher, Foucault was perceived in the French academic community more as an intellectual of the history of thought than as a traditional philosopher. After his death, his work gained recognition in various fields, including education, although its reception in French was slower compared to the English-speaking world. In Brazil, the diffusion of Foucault's ideas in

---

<sup>1</sup> Este texto foi originariamente preparado e apresentado no evento **World Congress Michel Foucault: 40 years after** em maio de 2024, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

<sup>2</sup> Professor Titular Aposentado da FE-Unicamp, atuando junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, e Pesquisador 1A do CNPq. Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: silvio.gallo@gmail.com.

education began with the work of Tomaz Tadeu da Silva and Alfredo Veiga-Neto, who organized collections of Foucaultian studies, fostering a vigorous debate about his contributions. Research in education using Foucault in Brazil has evolved in three phases: initially focused on disciplinary power, then on governmentality, and more recently on notions of care of the self and *parresia*, drawn from Foucault's later courses. The paper also distinguishes between two ways of using Foucault in research: as methodological operators and as conceptual operators, allowing for exploration of education from new perspectives. The reflection on "psychagogy" exemplifies how his ideas can challenge contemporary educational practices, promoting a more subjective and transformative approach. Thus, Foucault's legacy remains relevant, stimulating new approaches and educational practices in Brazil.

**KEYWORDS:** Foucault; philosophy; education; conceptual operators; methodological operators.

Quarenta anos após a morte de Foucault, a primeira parte deste título pode parecer estranha; qual a necessidade de associar o nome Foucault ao substantivo filósofo? No entanto, o que faço é recuperar o título de um seminário realizado em sua homenagem na França em 1988, *Michel Foucault, filósofo*<sup>3</sup>. Naquele evento, o pensamento filosófico de Foucault foi colocado em evidência, através do exame de aspectos de sua produção. Gilles Deleuze, por exemplo, para quem a atividade filosófica consiste em criação conceitual, apresentou o texto *O que é um dispositivo?*, no qual argumenta que esse foi um dos conceitos criados pelo amigo<sup>4</sup>.

Ainda que Foucault fosse alguém em evidência nos meios de comunicação, reconhecido popularmente como filósofo, seu pensamento transversal causava não poucos estranhamentos. No meio acadêmico filosófico francês, ele era mais visto como um intelectual que se dedicava à história dos sistemas de pensamento do que à filosofia propriamente dita. Um dos elementos que levava a tal consideração era sua produção; ele não se dedicava a produzir comentários de filósofos, não publicou sequer uma única monografia sobre algum filósofo importante<sup>5</sup>. Não

---

<sup>3</sup> *Michel Foucault philosophe - Rencontre Internationale* aconteceu nos dias 9, 10 e 11 de janeiro de 1988, em Paris. Uma coletânea dos textos ali apresentados foi publicada por Éditions du Seuil em 1989.

<sup>4</sup> O texto de Deleuze, publicado nas atas do Colóquio, pode ser encontrado também em *Dois regimes de loucos – textos e entrevistas (1975-1995)*. Deleuze foi, talvez, quem mais explorou a filosofia de Foucault, com vários textos e entrevistas ao longo da vida. Suas aulas em Saint-Denis, de 22 de outubro de 1985 até 03 de junho de 1986, exploraram o conjunto do seu pensamento. Elas podem ser consultadas, em francês, no site [webdeleuze.com](http://webdeleuze.com) e estão traduzidas ao espanhol e publicadas em livro pela Cactus Editorial, em 3 volumes. Em 1986, publicou o livro *Foucault*, que de certo modo concentra o material desenvolvido nas aulas.

<sup>5</sup> Exceção feita para a sua tese complementar para obtenção do doutorado, que consistiu na tradução francesa do texto de Immanuel Kant *Antropologia em sentido pragmático*, com uma ampla introdução na qual comenta o texto; e para sua "memória" para obtenção do diploma de estudos superiores em filosofia, intitulada *La constitution d'un transcendantal historique dans la Phénoménologie de l'esprit de Hegel*, escrita em 1949 e trazida a público em 2024 pela Vrin. Pode-se destacar, também, os textos que escreveu sobre Nietzsche, poucos publicados em vida; os inéditos foram compilados, juntamente com as aulas sobre dadas em Vincennes no ano acadêmico 1969-1970, o curso dado entre março e abril de 1970 na Buffalo University (EUA) e o ciclo de conferências de abril de 1971 na McGill University (Canadá) e publicados em 2024.

era considerado pelos pesquisadores em filosofia, pois, como um dos seus. É neste contexto, então, que compreendemos a ironia de Foucault quando, na aula de 22 de fevereiro de 1984, poucos meses antes de sua morte, conclui com as seguintes palavras: “Pronto. Então, desta vez, prometo, terminei com Sócrates. É preciso, para um professor de filosofia, dar pelo menos uma vez na vida uma aula sobre Sócrates e a morte de Sócrates. Está feito. *Salvate animam meam* [minha alma está salva]” (Foucault, 2011, p. 134).

Em que pesem as percepções díspares em torno da obra de Foucault, não restam dúvidas de que ele foi um dos importantes filósofos do século XX, abrindo novas fronteiras para o pensamento e a produção intelectual. A transversalidade de sua produção, atravessando os mais diversos campos, explica a amplitude de sua recepção em diversas áreas. Isso não foi diferente no campo da Educação. Curiosamente, em língua francesa essa recepção é muito recente; em um artigo publicado na *Revue Française de Pédagogie*, em 2003, Jean-Pierre Audureau comenta que em língua inglesa havia já naquela época uma ampla produção em torno de usos de Foucault na Educação, enquanto “apesar da evolução em seu pensamento, o uso de Foucault [em Educação] na França permanece raro e limitado às análises de *Vigiar e Punir*” (Audureau, 2003, p. 23). O autor comenta então que, embora soe muito pretensioso e errôneo falar em uma “pedagogia foucaultiana”, há temas educativos que muito teriam a ganhar com as contribuições de Foucault, como o estudo dos saberes escolares e das práticas de si na pedagogia.<sup>6</sup>

No Brasil, a situação é bem diferente daquela da França. Em 1994, Tomaz Tadeu da Silva organizou e publicou o livro *O sujeito da educação – estudos foucaultianos*, no qual reuniu uma série de textos de autores de língua inglesa e de língua espanhola que vinham trabalhando com Foucault no campo da Educação. Este livro recebeu sucessivas reedições e teve o mérito de difundir as ideias de Foucault entre pesquisadores da Educação no Brasil. Um dos capítulos do livro foi escrito por Alfredo Veiga-Neto, então orientando de Tomaz Tadeu no doutorado em Educação, no qual ele passa em revista as ideias de alguns dos autores presentes no livro: Ian Hunter, James Donald, James Marshall, Jennifer Gore, Karen Jones, Kevin

---

<sup>6</sup> Este cenário modificou-se um pouco. Apenas a título de exemplo e sem qualquer intenção analítica, cito três produções interessantes na década de 2010 que mostram um olhar mais atento em França aos possíveis usos de Foucault no campo educativo. No livro *L'École, question philosophique*, publicado em 2013, Denis Kambouchner dedicou um longo capítulo a Foucault, ainda que permanecesse circunscrito às questões disciplinares e a *Vigiar e Punir*. Em 2015, a revista de Filosofia da Educação *Le Télémaque* publicou o dossiê “Michel Foucault: héritages et perspectives en éducation et formation”, composto por seis artigos (um deles de minha autoria: Gallo, 2015). Por fim, o belo livro *La vie scolaire - Une étude philosophique*, publicado em 2017 por Jean-François Dupeyron, que aborda um tema raramente estudado, a vida que se vive na escola, está amplamente alicerçado em estudos de Foucault.

Williamson, Keith Hoskin, Manuel Alvarado, Bob Ferguson, Valerie Walkerdine, apresentando um panorama do que estava sendo produzido em língua inglesa.

No ano seguinte, 1995, Veiga-Neto organizou e publicou o livro *Crítica pós-estruturalista e educação*, com textos de docentes do Departamento de Ensino e Currículo e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, apresentando um panorama das pesquisas desenvolvidas pelo grupo, sob a “tutela” de Tomaz Tadeu da Silva. O livro é aberto por um longo ensaio de autoria do organizador, *Michel Foucault e Educação: há algo de novo sob o sol?*, que eu reputo como sendo um dos textos fundadores dos estudos foucaultianos em educação no Brasil. O texto expõe a filosofia de Foucault, alguns comentadores e utilizadores de suas ideias no campo da educação, mostrando a fecundidade desse pensamento para a pesquisa educacional. Conclui com o seguinte parágrafo, que cito na íntegra:

Em parte porque nos ensina a sermos disciplinados e pensarmos disciplinar e disciplinadamente, a escola nos ensina a ser sujeitos autogovernáveis. Tal interpretação faz da escola – e da disciplinaridade com que ela nos conforma – muito mais do que em geral se pensa dela. Seu papel vai muito além de ensinar conteúdos, valores e práticas – aspectos ressaltados nas análises funcionalistas. E vai além de inculcar ideologias – aspectos ressaltados nas análises críticas (marxistas ou não). Mais do que tudo isso, numa perspectiva foucaultiana a escola participa decisivamente para a organização e manutenção do Estado moderno. A escola é talvez o principal locus em que se põem em funcionamento as bases daquilo a que o filósofo denominou *razão de Estado*, esse conjunto de “princípios e métodos do governo estatal que diferiam da maneira pela qual Deus governava o mundo, o pai [governava] sua família e um superior [governava] sua comunidade” (Foucault, 1991, p. 121). Na ausência do olhar do rei/pastor, com o enfraquecimento do poder soberano e com o deslocamento do poder pastoral, o sujeito moderno tem que se autogovernar. (Veiga-Neto, 1995, p. 50).

Logo em seguida, em 1996, Alfredo Veiga-Neto defenderia na UFRGS sua tese de doutorado, intitulada *A ordem das disciplinas*. Passando a atuar na orientação de mestrandos e doutorandos, Alfredo constituiu aquele que viria a ser o grupo mais ativo e mais produtivo a se dedicar aos estudos de Foucault no campo da Educação no Brasil. Seu currículo registra a formação de 21 mestres e 18 doutores, totalizando 39 trabalhos de pesquisa acadêmica em Educação tendo a obra de Foucault como perspectiva analítica. Se pensarmos que outros pesquisadores transitaram pelo grupo, mesmo não tendo sido orientados por ele, e que os doutores que formou orientaram e seguem orientando pesquisas, esses números se multiplicam.

Ainda no tocante a este momento digamos “fundador” dos estudos foucaultianos em educação no Brasil, deixo a modéstia de lado para citar a publicação, em 1997, de um artigo de minha autoria na revista *Filosofia, Sociedade e Educação*, publicada pela Unesp-Marília, com textos referentes a diversos pensadores contemporâneos e sua influência na Filosofia da

Educação. No artigo *(Re)pensar a educação: Foucault*, visito o conjunto da obra do filósofo para destacar pontos de interesse para o pensamento educativo, seja em seus estudos de uma arqueologia do saber, de uma genealogia do poder e dos processos éticos de subjetivação.

Um fato para o qual quero chamar a atenção é que os estudos foucaultianos em Educação no Brasil foram fundados sob a inspiração de uma leitura pós-estruturalista de origem anglófona, sob a inspiração de Tomaz Tadeu da Silva e, fundamentalmente, de Alfredo Veiga-Neto. Talvez outros pesquisadores tenham usado Foucault em trabalhos de pesquisa em Educação alheios a esta perspectiva<sup>7</sup>; porém, penso que seja possível afirmar que esta seja a perspectiva hegemônica nos estudos foucaultianos em educação no Brasil.

Considero haver aí um problema de fundo. Em primeiro lugar, porque a expressão “pós-estruturalismo” foi cunhada para rotular uma série de autores franceses da segunda metade do século XX com perspectivas todas elas inovadoras em relação ao pensamento da época, mas singulares e muito distintas entre si<sup>8</sup>. Em segundo lugar, porque o próprio Foucault, ciente de ser denominado como pensador “pós-estruturalista” nos Estados Unidos, país que visitava com frequência e no qual realizou inúmeras atividades acadêmicas, recusou – ou ao menos ignorou tal rótulo. Em uma longa entrevista concedida e publicada em 1983<sup>9</sup>, o entrevistador começa perguntando: “qual é a origem dessa denominação muito geral de pós-estruturalismo?” (Foucault, 2000, p. 307). O filósofo dá uma longa resposta sobre o Estruturalismo, destacando que aqueles que receberam essa etiqueta não sabiam exatamente do que se tratava e que não seria interessante, naquele momento, redefinir essa expressão teórica. Tece considerações sobre o método estrutural e pensamento estruturalista, ignorando sumariamente a pergunta do entrevistador. A conversa se desenrola e, bem mais à frente, o entrevistador retorna ao problema, agora se referindo a um “saco de gatos” que caracterizaria o modo pelo qual Foucault era lido no exterior; ele responde afirmando-se um leitor de Nietzsche, o que o distancia da “grande e velha tradição universitária” (Foucault, 2000, p. 322). O entrevistador se refere então à “pós-modernidade”, a que o entrevistado reage: “o que se chama de pós-modernidade? Não estou atualizado” (*Ibidem*). Após os esclarecimentos, ele se declara “bastante embaraçado” para

---

<sup>7</sup> Foi, por exemplo, meu próprio caso, que me aproximei de Foucault pela filosofia francesa e não pela influência de seus leitores anglófonos do campo da Educação. Alguns outros provavelmente seguiram uma trilha semelhante.

<sup>8</sup> Dois livros oferecem uma ótima introdução àquilo que na literatura anglófona se denomina pós-estruturalismo: *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença – uma introdução*, de Michael Peters (2000); e *Pós-Estruturalismo*, de James Williams (2013). Ambos foram escritos por autores de língua inglesa. Uma leitura produzida a partir da língua e cultura francesa pode ser encontrada em *French Theory – Foucault, Derrida, Deleuze & Cia. e as mutações da vida intelectual nos Estados Unidos*, obra escrita por François Cusset, que foi diretor do Escritório do Livro Francês em Nova Iorque.

<sup>9</sup> *Estruturalismo e Pós-estruturalismo*, publicada nos *Ditos e Escritos*. Ver Foucault, 2000.

responder e tece uma série de comentários sobre a modernidade, sem referir-se à expressão pós-modernidade.

Destaco esses pontos para afirmar que, se de um lado, Foucault parecia estar bem pouco preocupado com rótulos sobre seu pensamento e seu trabalho, de outro lado simplesmente ignorava essas expressões que foram cunhadas no mundo anglófono e que segundo esta tradição englobava seu trabalho, bem como o de alguns de seus contemporâneos. Para ele, isso não era digno de um debate filosófico. Ainda assim, os estudos foucaultianos no Brasil são majoritariamente tributários dessa leitura “pós-estruturalista”.

\*\*\*

Alguns estudos têm mapeado a produção em Educação que dialoga com Foucault no Brasil, através de pesquisas no banco de teses e dissertações da CAPES. De modo especial, Júlio Groppa Aquino vem desenvolvendo uma série de pesquisas nas quais, em torno da noção foucaultiana de arquivo, mapeia a produção brasileira no campo da Educação que se utiliza do pensamento de Foucault. Seus objetos são as publicações em livros e nas diversas revistas acadêmicas especializadas da área. Se tomamos, por exemplo, o artigo *A difusão do pensamento de Michel Foucault na educação brasileira: um itinerário bibliográfico*, vemos que seu objetivo assim se expressa:

Visando contextualizar a reverberação do pensamento foucaultiano na literatura educacional brasileira, o presente trabalho tem como objetivo principal configurar um possível horizonte da difusão das ideias de Foucault na produção acadêmica levada a cabo na área, por meio da focalização de duas grandes frentes escriturais: os livros produzidos a partir de meados da década de 1990, bem como os artigos em periódicos divulgados entre 1990 e 2012. (Aquino, 2013, p. 302)

No mesmo artigo, o pesquisador indica que um levantamento no Banco de Teses da CAPES tomando o período de 1987 a 2010 revela que foram produzidos 2.379 trabalhos acadêmicos (1.791 dissertações e de 588 teses) que em seus resumos citam Foucault. E que quase um terço, 684 trabalhos (510 dissertações e 174 teses) declaram os termos *Foucault* e *Educação*, mostrando sua penetração na área.

Penso que essas pesquisas são da maior importância, sobretudo porque nos permitem ter um panorama daquilo que se produz no campo. Porém, a mim não me agrada fazer esse tipo de “pesquisa sobre a pesquisa”, ainda que reconheça seu valor; por isso, não será essa a via explorada aqui. Apenas para assinalar os acentos dos usos de Foucault em Educação entre nós, recorro a um breve comentário feito no Editorial de um dossiê que publicamos em 2014 na revista Pro-Posições, da FE-Unicamp (*O “efeito Foucault” em Educação*):

É possível falar em três momentos da produção acadêmica a respeito da Educação no Brasil sob o impacto do pensamento de Foucault. Um primeiro momento, a partir da década de 1980, é marcado por pesquisas e publicações focadas na questão do disciplinamento, da análise do poder disciplinar, de modo especial nas instituições escolares. Aqui, certamente, é grande a influência de *Vigiar e punir*. Uma segunda onda, mais recente, centra-se no conceito de *governamentalidade* e suas possíveis implicações para o campo educacional, nas mais distintas perspectivas. Por fim, uma terceira onda, ainda mais nova, foca-se nos textos dos últimos cursos de Foucault no *Collège de France*, que vêm sendo publicados, suscitando pesquisas em torno das noções de *cuidado de si* e de *parresia*, buscando estabelecer interlocuções e conexões com a problemática educativa. (GALLO, 2014, p. 17-18)

\*\*\*

Passo agora à exploração que me interessa mais diretamente, que trata de procurar esmiuçar os usos que se faz do pensamento e da obra de Michel Foucault nas pesquisas em Educação no Brasil<sup>10</sup>. Penso que podemos distinguir dois grandes modos de uso distintos, e é importante compreender as distinções entre eles para não produzir confusões investigativas. De um lado, podemos fazer pesquisas em Educação com Foucault usando seus *operadores metodológicos*; de outro lado, podemos investigar em Educação a partir de algum ou alguns de seus *operadores conceituais*<sup>11</sup>.

Na conhecida conversa entre Foucault e Deleuze, publicada em 1972 com o título *Os intelectuais e o poder*, apareceu a noção de que a teoria é uma espécie de “caixa de ferramentas” (Foucault, 2003, p. 39) à qual os dois filósofos recorreriam para caracterizar suas obras. Os textos que exprimem as teorias, o pensamento, aí estão para serem usados, não para serem reverenciados. Para nós, pesquisadores, uma teoria nos serve como ferramenta para investigar nosso problema; se não é “útil” em nosso trabalho investigativo, devemos deixar de lado e procurar outras ferramentas, mais adequadas. Em diferentes momentos Foucault afirmou que gostaria que sua obra fosse usada, isso é, abra-se novos caminhos e possibilidades, para além daquilo que ele próprio pensou e produziu. É neste sentido que defendo que Foucault produziu diversos “operadores”, ferramentas que nos permitem pensar com ele, às vezes contra ele, muitas vezes para além dele.

Tais operadores, porém, são de duas naturezas distintas. Dado seu pensamento transversal, Foucault esteve sempre preocupado em explicitar e comentar sua forma de trabalhar, de pesquisar e de produzir seu pensamento. Há uma preocupação explícita em sua obra referente aos procedimentos de investigação, ao que poderíamos denominar uma

---

<sup>10</sup> Explorações sobre usos metodológicos de Foucault na pesquisa educacional podem ser encontradas no livro *Por que Foucault? Novas diretrizes para a pesquisa educacional*, com textos de Michael Peters e outros autores.

<sup>11</sup> Desenvolvi mais a fundo a distinção entre operadores conceituais e operadores metodológicos no capítulo *De la anarquología como operador metodológico*, publicado no livro *Formas y expresiones metodológicas en el último Foucault*, organizado por Pulido & Espinel.

metodologia. E se, como ele mesmo comentou algumas vezes, dedicou-se a três problemas fundamentais: as relações com o saber e com a verdade; as relações de poder; as relações consigo mesmo<sup>12</sup>, compreende-se que tais mudanças de foco implicaram em transformações nos procedimentos investigativos. A exploração metodológica mais importante realizada por Foucault foi, sem dúvida, a *Arqueologia do saber*, livro no qual passa em revista seus processos investigativos que possibilitaram a produção de obras como *As palavras e as coisas*, por exemplo. Quando seu foco investigativo se desloca para as relações de poder, Foucault percebe que a arqueologia do saber já não dá conta e, inspirado em Nietzsche propõe a ferramenta genealógica, que procurou explicitar em um ou outro texto curto, bem como no primeiro volume de *História da sexualidade*. As coisas ficaram menos claras no tocante às pesquisas realizadas nos anos finais de sua vida, quando o foco passou a ser o sujeito e suas relações com a verdade. Sem ter tido tempo para sistematizar seu trabalho, ficam-nos os cursos no Collège de France entre 1980 e 1984, quando as aulas iniciais do curso anual invariavelmente trataram das idas e vindas procedimentais em suas pesquisas.

Para se referir a este terceiro conjunto de investigações, alguns estudiosos falam em procedimentos arqueogenealógicos; eu prefiro seguir o comentário irônico de Foucault na aula de 30 de janeiro de 1980 e nomear os novos processos investigativos como uma “anarqueologia”. O que não se pode ignorar é que o que acompanhamos ao longo da obra de Foucault é a produção de uma espécie de “palimpsesto metodológico”, no qual uma nova camada vai sendo escrita sobre a anterior, sem negá-la ou apagá-la, mas sobrescrevendo-a com a introdução de novos elementos. Por isso agrada-me a ideia de pensarmos um percurso que vai da arqueologia a uma anarqueologia, passando pela genealogia, visto que a etapa final foi uma espécie de reelaboração dos processos iniciais, devidamente adaptados às novas interrogações.

Penso, pois, que podemos falar em operadores metodológicos de Foucault e organizar pesquisas no campo da Educação em que o uso de um ou mais de um destes operadores nos sirva como ferramenta para nossas próprias investigações, na medida em que permitem observar elementos que outras metodologias não colocam em evidência. São pesquisas nas quais a inspiração foucaultiana é, pois, procedimental.

Há, porém, um outro estilo de se pesquisar com Foucault. Podemos, em lugar de tomá-lo como referência para os procedimentos metodológicos, manejar um ou alguns de seus

---

<sup>12</sup> “Os problemas que estudei são os três problemas tradicionais. 1) Que relações mantemos com a verdade através do saber científico, quais são nossas relações com esses “jogos de verdade” tão importantes na civilização, e nos quais somos simultaneamente sujeitos e objetos? 2) Que relações mantemos com os outros, através dessas estranhas estratégias e relações de poder? Por fim, 3) quais são as relações entre verdade, poder e si mesmo?” (Foucault, *Verdade, Poder e Si Mesmo*, 1982, em *Ditos e Escritos* vol. V, p. 300).

conceitos, deslocando-os para a problemática educativa que é nosso objeto de análise, fazendo-os operar neste campo de imanência. Por essa razão proponho denominá-los “operadores conceituais”.

Ao longo de sua vida, o filósofo produziu importantes operadores conceituais que, além de fazerem sentido em seu trabalho, podem ser deslocados para outros campos investigativos, produzindo efeitos interessantes. Apenas para citar alguns: discurso; arquivo; episteme; saber-poder; disciplina; biopoder; dispositivo. Todos eles podem ensejar interessantes explorações no campo educativo e já foram objeto de diversos trabalhos de pesquisa na área. Quando pensamos nos últimos trabalhos de Foucault, que foram publicados nos últimos anos, todo um universo novo se descortina. Afinal, em suas explorações em torno dos processos de subjetivação temos óbvias e diretas correlações com problemáticas educativas. Eu destacaria os seguintes operadores conceituais como especialmente relevantes: técnicas de si; cuidado de si; parresia; aleturgia; ontologia do presente; psicagogia.

Algumas poucas palavras, apenas sobre este último operador conceitual citado, a título de exemplo. Durante o curso *A hermenêutica do sujeito*, na aula de 10 de março de 1982, Foucault fez mais um de seus jogos de palavras e propôs, em paralelo à pedagogia, a existência de uma “psicagogia”. Segundo ele, se chamamos de pedagogia a transmissão de uma verdade que objetiva dotar o sujeito de um conjunto de saberes, poderíamos denominar de psicagogia a transmissão de uma verdade que tem por função fazer com que o sujeito se transforme a si mesmo (Foucault, 2004, p. 493). Em outras palavras, simplificando: se a pedagogia consiste no ato de conduzir alguém a um saber, implicando em uma relação com a verdade, a psicagogia seria a condução de alguém à sua própria verdade, uma condução da alma à verdade de si mesmo, como processo de subjetivação. Para os interesses de Foucault no curso, ele chama a atenção para a transformação ocorrida entre uma prática psicagógica durante a antiguidade greco-romana e uma prática psicagógica cristã, marcada pela tecnologia da confissão. Se no primeiro caso ela estava mais próxima da pedagogia, no segundo desvinculou-se dela totalmente.

Para nós que estudamos o campo educativo contemporâneo, o operador conceitual psicagogia é prenhe de possibilidades de um pensamento crítico em relação à pedagogia e à educação. É inegável que hoje os processos educativos estão orientados ao saber, não à constituição de si mesmo como sujeito. Temos, através da educação, muito mais assujeitamento do que o cultivo de técnicas de si que constituam um processo de subjetivação. Pensar psicagogicamente traria, assim, toda uma nova dimensão para os modos contemporâneos de

educar. Ou, para dizer de outro modo, o registro psicagógico abriria toda uma filosofia da educação outra, amplamente distinta das formas pelas quais pensamos a educação em nossos dias.

Se conectarmos a psicagogia com o último curso de Foucault no Collège de France, *A coragem da verdade* (oferecido em fevereiro e março de 1984), quando, ao estudar os cínicos, ele comenta em torno da “verdadeira vida”, aquela que manifesta a verdade de cada um, podemos desdobrar efeitos ainda mais interessantes. Enquanto Platão e seus seguidores perseguiram a verdade da “outra vida”, seguindo as orientações de Sócrates ao final de sua vida, Diógenes e os cínicos procuravam praticar a vida soberana, uma vida não dissimulada, vivida aqui e agora, sem esperar pela outra vida. Em suma, defendiam a prática de uma vida outra, transformada pela prática filosófica cotidiana.

Lendo estas belas páginas nas quais Foucault manifesta suas derradeiras palavras públicas, é inevitável nos perguntarmos: e se praticarmos uma educação *outra*, orientada para uma vida *outra*? Que efeitos transformadores poderíamos produzir nesse real cotidiano atravessado por tantos problemas e desafios?

\*\*\*

Para finalizar essa breve exploração que, sem dúvida, merece aprofundamentos e desdobramentos em múltiplas direções, penso ser possível afirmar que o campo da Educação foi um daqueles que, no Brasil, sofreu um significativo impacto do pensamento e da obra de Michel Foucault. Através de seus operadores conceituais e de seus operadores metodológicos toda uma gama de pesquisas em Educação foi e segue sendo produzida, contribuindo decisivamente para o pensamento educativo no país. Quarenta anos depois, o pensamento de Foucault segue vivo e ativo entre nós, ensejando novos pensamentos e novas experimentações investigativas. Quiçá possa, também, implicar em desdobramentos transformadores de nossa realidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Julio Groppa. A difusão do pensamento de Michel Foucault na educação brasileira: um itinerário bibliográfico. *Revista Brasileira de Educação*. v. 18 n. 53 abr.-jun. 2013, p. 301-324.

AQUINO, Julio Groppa (Org.). *Foucault, arquivo, educação: dez pesquisas*. São Paulo: FEUSP, 2020.

- AUDUREAU, Jean-Pierre. Assujettissement et subjectivation : réflexions sur l’usage de Foucault en éducation. *Revue Française de Pédagogie*, n° 143, avril-mai-juin 2003, p. 17-29.
- CUSSET, François. *French Theory – Foucault, Derrida, Deleuze & Cía. y las mutaciones de la vida intelectual en Estados Unidos*. Buenos Aires: Melusina, 2005.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- DELEUZE, Gilles. *El Saber – curso sobre Foucault tomo I*. Buenos Aires: Cactus, 2013.
- DELEUZE, Gilles. *El Poder – curso sobre Foucault tomo II*. Buenos Aires: Cactus, 2014.
- DELEUZE, Gilles. *La Subjetivación – curso sobre Foucault tomo III*. Buenos Aires: Cactus, 2015.
- DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? Em: *Dois regimes de loucos – textos e entrevistas (1975-1995)*. São Paulo: Ed. 34, 2016, p. 359-369.
- DUPEYRON, Jean-François. *La vie scolaire - Une étude philosophique*. Nancy : Editions Universitaires de Lorraine, 2017.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, Michel. Estruturalismo e Pós-estruturalismo. In: *Ditos e Escritos - II*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000, p. 307-334.
- FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos - IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- FOUCAULT, Michel. Verdade, poder e si mesmo. In: *Ditos e Escritos - V*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 294-300.
- FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Curso no Collège de France (1981-1982). São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *A coragem da verdade*. Curso no Collège de France (1983-1984). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- FOUCAULT, Michel. *Do governo dos vivos*. Curso no Collège de France (1979-1980). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.
- FOUCAULT, Michel. *Nietzsche – cours, conférences et travaux*. Paris: EHESS/Gallimard/Seuil, 2024.
- FOUCAULT, Michel. *La constitution d’un transcendantal historique dans la Phénoménologie de l’esprit de Hegel*: Mémoire du diplôme d’études supérieures de philosophie. Paris: Vrin, 2024.
- GALLO, Silvio. Repensar a Educação: Foucault. In: *Filosofia, Sociedade e Educação*. Marília: FCT Unesp, v. 1, p.93 - 118, 1997.
- GALLO, Silvio. O “efeito Foucault” em Educação. *Pro-Posições* vol. 25, n° 2 (74), ago 2014, p. 15-21.
- GALLO, Silvio. La production des hétérotopies à l’école : souci de soi et subjectivation. *Le Télémaque* n° 47, mai 2015, p. 87-95.

GALLO, Silvio. De la anarqueología como operador metodológico. In: PULIDO CORTÉS; Óscar; ESPINEL BERNAL, Óscar (coord.). *Formas y expresiones metodológicas en el último Foucault*. Tunja (Colombia): Editorial UPTC, 2017, p. 43-73.

KAMBOUCHNER, Denis. *L'École, question philosophique*. Paris: Fayard, 2013.

PETERS, Michael. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença – uma introdução*. Belo Horizonte: Autêntica: 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *O sujeito da educação - estudos foucaultianos*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

VEIGA-NETO, Alfredo (org.). *Crítica pós-estruturalista e educação*. Porto Alegre: Sulina, 1995.

VEIGA-NETO, Alfredo. *A ordem das disciplinas*. Tese – doutorado em Educação. Porto Alegre: UFRGS, 1996, 344 p.

WILLIAMS, James. *Pós-estruturalismo*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.